

Em seguida, traça um panorama estatístico do país em termos demográficos e de Educação, mostrando o desequilíbrio econômico e a deficiência cultural que leva à constatação de que o consumidor de livros infantis e juvenis pertence às classes sociais economicamente mais amparadas.

Há programas de caráter educativo de iniciativa governamental e particular que procuram atenuar os efeitos dessa disparidade. Foram criadas algumas bibliotecas infantis, bibliotecas escolares, organizam-se feiras de livros, exposições etc. insuficientes para atender à população do país.

A produção editorial, segundo o Anuário Estatístico de 1973, indica o lançamento de 400 títulos de literatura para crianças e jovens com uma tiragem total de 4.886.158 exemplares e ainda reedição de 166 títulos com tiragem de 1.801.500 exemplares. Existem cerca de 180 editoras funcionando regularmente no país e delas cerca de 40 publicam livros para a faixa infanto-juvenil.

Na preparação deste documento, a FNLIJ elaborou questionário enviado às editoras da área e pôde-se verificar, através das respostas, que dos 57 títulos de maior vendagem nas obras de 1972/73, 52 eram de autores brasileiros. As livrarias são o meio de distribuição mais utilizado. A partir de 1972, o Instituto Nacional do Livro, órgão do Governo Federal, que se ocupa da expansão cultural do país, iniciou o sistema de co-edições com as editoras privadas de modo a tornar mais acessível o livro para crianças e jovens. Assim, nota-se aumento dos títulos co-editados e de suas tiragens. A ênfase maior do programa é, evidentemente, dada ao livro didático já que a democratização do ensino é tema prioritário. Na área do livro de literatura, que aqui nos interessa, em 1973 foram co-editados 72 títulos, num total de 1.271.000 exemplares.

Tendo em vista o processo de educação que deve servir de base para a formação do público-leitor, Nelly Novaes Coelho apresentou estas propostas:

1. A organização imediata de Cursos Intensivos de Atualização, para aperfeiçoamento do pessoal docente, encarregado dos vários setores do Ensino de Literatura Infantil e/ou Juvenil. Esses cursos poderiam funcionar junto às Faculdades de Letras e de Educação; Bibliotecas; Instituições Culturais, etc. e terem a duração de três meses.
2. A criação da Disciplina de "Didática da Literatura Infantil e Juvenil" junto aos Cursos de Didática e

Metodologia nas Faculdades de Letras e de Educação. Essa Disciplina propiciaria a formação especializada de docentes que se destinem a trabalhar com crianças e jovens, no setor do Ensino do Vernáculo (Comunicação e Expressão) ou especificamente no do Ensino da Literatura nos vários níveis (1° e 2° graus – atualmente Ensino Fundamental e Ensino Médio).

3. Conseqüentemente, seria criada a Disciplina de Didática da Literatura Infantil, nos Cursos de Formação para o magistério do 1° Grau.

Já está mais do que sabido e provado que, se o processo da Educação não acompanhar passo a passo as medidas tomadas não só pela indústria editorial e pelo comércio livreiro, mas também por uma política cultural esclarecida, o objetivo final do incentivo à leitura não será atingido.

Tendo em vista maior apoio e estímulo aos escritores para crianças e jovens, foram apresentadas estas propostas:—

1. Que se estimulasse a produção da *Crítica* ao livro infantil e juvenil, não só para a orientação dos pais, professores ou encarregados de escolher a leitura das crianças e jovens, mas também e principalmente para orientação do próprio autor, que via de regra fica sem saber por que seu livro agrada ou não agrada... se é por seu real valor (ou desvalor), ou por circunstâncias alheias a seu mister, que ele faz sucesso ou não.
2. Que fossem criadas em instituições qualificadas o serviço de "Crítica Orientadora". Especialistas em literatura, interessados em leitura para crianças e jovens seriam solicitados (ou se ofereceriam) para se inscreverem como críticos em tal função. O escritor, mediante uma taxa, inscreveria seu original para uma apreciação crítico-analítica orientadora. O crítico daria seu parecer esclarecedor que serviria, não só de diretriz para o autor em relação ao valor ou desvalor de sua obra, como também às editoras.

Evidentemente, vive-se agora no Brasil um período de transição, não só devido à aceleração do ritmo da vida moderna, que não propicia o necessário clima para concentração na leitura silenciosa e solitária, ou devido às formas fáceis de entretenimento (TV, cinema, revistas ilustradas, etc.) mas também devido

ao acelerado progresso da tecnologia que está em desequilíbrio com as crescentes necessidades humanas do povo.

Nosso mercado potencial é, sem dúvida, de grandes proporções, sua conquista deverá resultar de um trabalho conjunto, no qual as forças da Indústria e do Comércio se unam às da Educação e Cultura. Só nessa direção haverá possibilidade de sanar, a médio ou longo prazo, a distância atual entre o leitor e o livro.

"Criatividade e pesquisa no campo da produção de livros" foi o tema desenvolvido por Lucia Binder, do Instituto Internacional de Literatura Infantil e Pesquisa sobre Leitura - Áustria. Diz ela que o ensino moderno da leitura e as reformas educacionais exigem a inclusão da literatura infantil e juvenil no processo educativo. Em decorrência disso, ativaram-se as pesquisas sobre a leitura e como incentivá-la, sobre o comportamento do leitor e seus hábitos, obtendo-se muito conhecimento novo a respeito do jovem que lê.

Quanto ao editor, não só é necessário saber avaliar a criatividade do autor e o valor literário de seu trabalho, mas também ser informado sobre os fatos determinativos do sucesso de sua produção, com o pensamento voltado para o jovem leitor. Com esse objetivo, utiliza os resultados das várias pesquisas e planeja de forma sistemática o seu trabalho.

É evidente que não se pode prever antecipadamente qual será a aceitação do livro pelos jovens leitores. Mas o editor bem intencionado não limita seu interesse ao sucesso espontâneo daquilo que edita, visando igualmente ao futuro desenvolvimento do leitor: procura encontrar o meio termo entre o que *quer* a criança e o que ela *precisa*, para não estacionar em seu desenvolvimento e manter seu interesse como leitor. Agora chegamos ao problema revelado em diversas pesquisas feitas. Estatísticas de vários países mostram que a criança lê regularmente até a idade de 13, 14 anos. Atingida essa idade, cessa o hábito da leitura. Em parte isso se explica por dispor o aluno, durante o curso primário obrigatório, de maior oportunidade para ler. As bibliotecas são acessíveis, os professores o estimulam à leitura, e ele *precisa* ler determinados livros. Outra causa: ao sair da escola primária, quando passa a ler com independência, surge um espaço vazio na produção de livros. Vencida a etapa crítica do crescimento, os adolescentes não procu-

ram mais os livros juvenis nem os que revelam exagerado artificialismo e clichês.

Perde-se assim um leitor, porque ele desconhece o quanto a leitura pode exigir de quem lê. Evidencia-se aqui a falha na produção de livros para a fase etária dos 14-15 anos.

Pesquisas realizadas sobre jovens leitores e seu desenvolvimento psicológico permitem manter relativa continuidade na produção de livros, estabelecendo uma ponte entre uma e outra fase, de modo a preencher as necessidades dos vários tipos de leitor.

Além de levar em conta os interesses do leitor, importa igualmente determinar se ele possui conhecimento lingüístico adequado. Estudo realizado pelo Instituto de Literatura Infantil e Pesquisa de Leitura, de Viena, sobre o aproveitamento e o interesse literário de 3.000 crianças de 10 anos de idade, mostra a preferência dos leitores pesquisados pelos seguintes tipos de livros: histórias de aventura, sagas, contos realísticos envolvendo crianças com a idade deles. Nessas categorias, as obras de elevada qualidade literária tinham a mesma aceitação que as medíocres. Mas todos os livros tinham em comum o mérito de não serem muito difíceis.

A encadernação - a vestimenta do livro - é sempre importante. Há muitas indicações de que a brochura e o folheto desempenham importante papel, para certas áreas e grupos sociais. As pesquisas realizadas sobre utilização do tempo livre pelas crianças - onde, quando, quanto e por quanto tempo lêem - oferecem muitas sugestões aproveitáveis na edição de livros. A brochura cada vez se torna mais popular, pelo menos em países de língua alemã.

"Creio ser muito importante para o futuro trabalho com livros infantis colaborarem todos aqueles que preparam e editam (autores, ilustradores, editores, livreiros, etc.) com os pesquisadores, influenciando-se uns aos outros e cooperando cada vez mais para o sucesso do livro", conclui Lucia Binder.

Outra editora, Bettina Hurlimann, da Editora Atlantis, da Suíça, falou sobre o equilíbrio entre recursos materiais e humanos na produção de livros.

Disse ela que não pode haver produção de livros para uso comum sem o auxílio de editores, publicistas e impressores. Eles constituem e representam a parte ligada às condições mais ou menos materiais para a realização dos livros. Os recursos que contribuem para formar e produzir o livro para crianças dividem-se

em financeiros ou materiais e outros, de natureza mais criativa e humana. Esse equilíbrio pode desaparecer se existirem no país artistas e escritores muito bons, (como tive a impressão que ocorria há alguns anos na Venezuela), enquanto escasseiam editores e impressores interessados ou com bastante experiência para utilizar os recursos artísticos encontrados no próprio país, solicitando a colaboração dos artistas nacionais para ilustrar sua literatura clássica ou moderna.

Alguns artistas desses países publicam livros maravilhosos em editoras americanas de Nova York, que sabem trabalhar no seu setor e os encorajam. Agora, porém, nota-se melhoria em toda parte mostrando, não obstante, que países ricos em recursos criativos, dotados de recursos financeiros, como a Venezuela, podem não ser ricos em literatura infantil, produzida *in loco*.

Cabe citar outro país asiático, o Japão, onde igualmente pouco existia de tradicional nesse campo, mas onde subitamente, há menos de vinte anos, alguns livreiros começaram a entrosar os recursos criativos japoneses com as necessidades infantis, no período de pós-guerra, com novas tendências educacionais.

Esses editores usaram de forma inteligente as possibilidades da impressão em massa, com boa qualidade, utilizando o melhor da tradição artística, combinado com o espírito moderno, absorvendo além disso o que encontraram de melhor nos outros países.

Hoje, os japoneses participam do comércio internacional de livros, imprimem até para editoras ocidentais e seu programa de livros para o nível de jardim da infância é dos mais ricos do mundo, e certamente o mais rico da Ásia, influenciando bastante outros países. O equilíbrio entre recursos criativos e materiais parece ser mais ou menos perfeito, notando-se entre alguns editores a exata consciência da tarefa humana e educativa que lhes compete.

Eis aí o *Problema n.º 1*: só haverá boa produção de livros quando os editores souberem reconhecer e utilizar os dotes artísticos existentes no país e conseguirem orientá-los de modo útil.

Problema n.º 2: Não pode haver produção boa e útil de livros sem bons tipógrafos. Estes, como os editores, estão relacionados com os recursos comerciais, na produção de livros infantis. Mas precisam também ser dotados de alguma criatividade, quando bem entrosados como aqueles.

O livro infantil ilustrado não é um manuscrito pintado a mão, como eram conhecidos nos mosteiros da época medieval. São livros geralmente produzidos aos milhares, embora possam valer tanto quanto esses manuscritos, para a criança que os manuseia.

Quando existe entrosamento perfeito entre o editor, o impressor e o artista, mesmo o livro produzido em massa, com 5 a 50 mil e até mais exemplares pode apresentar toda a beleza de um trabalho de arte, exercendo a mesma influência mágica sobre a criança, que vê somente o seu livro, como se fosse o único exemplar no mundo. Para dar à criança essa sensação preciosa e singular, é necessário existir cuidadosa cooperação entre as diversas pessoas envolvidas.

Agya Bartho, da União de Escritores Soviéticos, falou sobre o treinamento de especialistas para a produção de livros infantis, em resumo, o que se segue:

Um "especialista envolvido na confecção e produção de livros para crianças" é uma profissão muito significativa. Desde os tempos em que a nossa jovem República Soviética estava atormentada pela fome e pela devastação, nós já fazíamos tentativas para elevar o nível cultural do povo. Foram feitos milhões de livros baratos para as massas. E, embora tenham sido impressos em papel de embrulho, sem qualquer capa ou ilustração, levaram ao povo as obras de Leon Tolstói, Pushkin, Tchekhov, Shakespeare, Balzac, Dickens e Cervantes.

Entretanto, para que um livro seja feito, é necessário muito mais do que o autor: deve-se acrescentar a contribuição do editor, ilustrador, crítico, vendedor e até do próprio leitor — eu mencionei o leitor por uma razão especial. Quando, em 1933, uma editora chamada Detgiz foi organizada especialmente para a publicação de livros infantis, Maxim Gorky, o grande escritor russo de quem partiu esta iniciativa, fez, em primeiro lugar, uma pesquisa de opinião, para saber o que preferiam ler. Ele sonhava com uma literatura feita especialmente para crianças, que servisse para educar e elevar o membro desta nova sociedade; resumindo, um tipo de literatura digno desse nome. O apelo feito por Maxim Gorky às crianças, através da imprensa não caiu em ouvidos surdos. A reação foi grande e imediata. As crianças mandaram suas respostas em folhas de cadernos escolares, com comentários muito persuasivos, embora às vezes algumas palavras tivessem erros de grafia. Essa correspon-

dência deu uma base da ampla variedade de interesse das crianças soviéticas.

Eles disseram a Maxim Gor'ky que estavam interessados em tudo – contos de fadas e histórias de folclore, ficção científica e fantasia, livros sobre heróis da Revolução, histórias sobre "como a amizade modifica as pessoas", sobre "todas as espécies de pássaros" e sobre "espécies de árvores". As crianças maiores queriam "um livro bem grosso onde as aventuras de seus heróis favoritos nunca terminassem" e os mais novos preferiam "livros finos porque os livros grossos se arrastavam indefinidamente e é difícil esperar para ver como vai acabar".

Em resposta a todas essas cartas, a editora acima mencionada, a Detgiz, se preparou para lançar livros, grossos e finos, para crianças de todas as idades entre 2 e 15 anos – prosa, poesia, novelas históricas, biografias, ficção científica e ciência popular. Hoje em dia, essa mesma editora publica praticamente todos os tesouros de nossa literatura clássica, para todas as idades, assim como muita coisa escrita para adultos, incluindo os esforços dos autores das várias repúblicas nacionais, que, com o cunho de nacionalidade acrescentado, enriquecem a literatura soviética. Os autores clássicos estrangeiros são constantemente publicados e republicados, assim como a literatura moderna, tanto do mundo socialista quanto do Ocidente.

Esta Editora – que tem hoje em dia o nome de "Detskaya Literatura", ou seja, "Literatura Infantil", em russo, é hoje em dia a mais importante nesse campo dentro do país. Existem várias outras editoras que publicam livros para crianças em edições maciças.

Os livros infantis são sempre muito baratos. Assim, um livro de figuras coloridas destinado a crianças pequenas, publicado em edições de 450 mil exemplares, custa sempre menos de oito copecks, ou seja, exatamente o custo de duas viagens de ônibus, pois em Moscou o preço do ônibus é de 4 copecks, para qualquer distância.

A Detskaya Literatura e as demais editoras mantêm o que é conhecido por "Casas de Livros para Crianças". Estas são, na realidade, centros de pesquisa destinados à investigação dos hábitos de leitura das crianças, e o que acontece aos livros depois de sua publicação.

Embora as universidades não tenham cursos obrigatórios sobre literatura juvenil, esta é oferecida em todas elas, como opcional. As universidades da

Lituânia e Karelia abriram centros de pesquisa sobre literatura juvenil. Cursos sobre esse mesmo assunto são oferecidos nos departamentos de estudos literários em escolas normais e colégios com nível universitário. Como podem ver, todos os estudantes que estudam para ser professores primários, em qualquer idioma nacional soviético, terão necessariamente que fazer um curso sobre literatura juvenil, familiarizando-se com todos os seus problemas. Finalmente, todos os que se preparam para trabalhos culturais e de biblioteca têm que receber cursos sobre literatura juvenil clássica soviética e estrangeira.

Para resumir, existem na União Soviética algumas centenas de milhares de pessoas que já fizeram cursos sobre esse assunto, enquanto estudantes. Como resultado, virtualmente todas as crianças do nosso país – que tem uma população de 250 milhões – serão treinadas por pessoas que farão o possível para lhes inculcir bons hábitos de leitura.

O grande crítico literário russo, Vissarion Belinsky, observou certa vez que uma pessoa já nasce escritor de livros infantis. Entretanto, seria errado pensar que talento é suficiente. Se alguém quiser manter-se em dia com as rápidas modificações por que passam as gerações mais jovens, tem que se manter em constante contato com essas mesmas gerações.

Todos nós que escrevemos e publicamos livros para crianças na União Soviética, temos em mente uma meta comum, que é a de preparar as gerações que surgem para a vida que os espera. Uma literatura saudável e atraente desperta emoções e pensamentos nobres.

O Relatório Final do Congresso, redigido por Ann Beneduce, do Children's Books Council, dos Estados Unidos, Leny Werneck, da FNLIJ e membro do Comitê Executivo do IBBY, e Dusan Roll, da Bienal Internacional de Bratislava, Tchecoslováquia, dizia o seguinte:

De 21 a 25 de outubro de 1974 estiveram reunidos no Rio de Janeiro cerca de 400 representantes de 26 países, da UNESCO e do CERNAL, para o 14º Congresso do IBBY, International Board on Books for Young People, a fim de estudar o tema: "O LIVRO COMO INSTRUMENTO NA FORMAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E DO JOVEM."

Os participantes trabalharam em oito grupos com os temas das conferências aqui já vistas.

Após os debates em grupos, foram realizadas 3 sessões plenárias para a apresentação das conclusões e sugestões.

Das idéias e sugestões apresentadas na conferência, ao serem debatidos os relatórios, foram selecionados pontos que pareceram mais importantes, significativos e de maior atualidade.

Estas sugestões podem ser sintetizadas em 4 temas gerais, para um programa de ação:

1. O livro infantil, sua criação, produção e promoção.
2. A aproximação criança-livro.
3. A formação e a preparação do adulto para fazer a aproximação entre a criança e o livro.
4. O trabalho internacional com o livro infantil.

PROGRAMA DE AÇÃO

O livro infantil, sua criação, produção e promoção

A literatura infantil deve ser encarada por todos como parte integrante da cultura de cada sociedade.

Autores e editores de/em tomar consciência dos problemas concretos da juventude atual, dando condições para que ela encontre suas respostas.

É importante que cada país encoraje seus artistas e ilustradores, com incentivos especiais à criação de livros que tenham raízes na cultura da sua própria sociedade, sem, entretanto, excluir traduções e adaptações que possam contribuir para o enriquecimento cultural das crianças.

Todos concordam em que existe a necessidade e o problema de produzir livros de boa qualidade para crianças, a baixo preço e em grandes tiragens; mas a alta no preço do papel agrava este problema. Isto cria o perigo de haver bons livros apenas para crianças privilegiadas e, neste sentido, todo o esforço deve ser feito para evitar tal seletividade, a fim de que todas as crianças tenham acesso ao livro. Em muitos casos, faz-se necessária a ajuda econômica do governo ou de instituições, sob a forma de co-edições, financiamentos ou aquisição de grandes quantidades para distribuição. É preciso sustentar o mercado de livros de boa qualidade para superar a produção unicamente voltada para fins de consumo.

Quanto à distribuição, observa-se que o livro não sai dos principais núcleos urbanos em se tratando dos países subdesenvolvidos, sobretudo porque os eventuais compradores não têm poder aquisitivo para atender, primeiro, a suas necessidades vitais.

A televisão, o rádio, jornais e revistas, meios de comunicação da indústria cultural, podem ser utilizados como instrumentos eficazes na promoção de bons livros para crianças.

Especialistas de reconhecido valor devem ser aproveitados em planejamento de programas de informação e crítica de livros infantis, bem como na criação de programas para crianças.

Prêmios e exposições que valorizem bons autores e ilustradores contribuem para criar um interesse maior por bons livros infantis. Catálogos e listas de livros recomendados por especialistas e instituições devem ser colocados ao alcance de todos os interessados na compra de livros de boa qualidade.

Aproximação criança-livro

Por melhor que seja o livro, torna-se inútil se não chega às mãos da criança para quem foi criado. Entre os muitos meios de aproximar o livro da criança, um dos mais eficientes é a biblioteca escolar, começando do jardim de infância.

As autoridades e o público devem ser convencidos da necessidade de haver, em cada escola, uma biblioteca, organizada e cuidada por pessoas especializadas.

Recomenda-se, também, a criação do Clube do Livro, meio já adotado em vários outros países.

É sabido que a leitura da criança e do jovem deve estar integrada à vida familiar tanto quanto à da escola, sendo a biblioteca um centro cultural ativo. Entretanto, cumpre assinalar que, na maioria dos casos, o exemplo ideal de pais que têm o hábito de ler e estimular seus filhos a lerem está longe de ser uma realidade.

É necessário que se faça um apelo às autoridades e professores, como também e principalmente aos pais, a fim de que compreendam a importância da leitura na formação da personalidade de seus filhos, e contribuam, de forma ativa, para alcançar nossos objetivos comuns. A literatura infantil constitui um problema comum à família, à escola e a todas as instituições educativas.

Como estímulo aos pais, de modo a torná-los mais conscientes da importância da boa leitura para as crianças, recomenda-se que haja livros de literatura infantil e juvenil em centros comunitários, clubes, jardins de infância e clínicas, que os pais costumam frequentar diariamente.

A formação e a preparação do adulto para fazer a aproximação entre a criança e o livro

Convém lembrar que a literatura infantil, ainda que tenha um alto lugar na pedagogia, não está a seu serviço. Ela é independente de sistemas escolares e, por isso mesmo, o estudo desta literatura é indispensável na formação dos educadores de todas as disciplinas e de todos os níveis.

É necessário que haja a integração entre pedagogia e literatura infantil, a partir do trabalho em sala de aula. Embora se reconheça que a literatura não está a serviço dos manuais escolares (livros didáticos), não se pode esquecer que esses manuais são também livros. É preciso encará-los com responsabilidade criadora, pois um manual inadequado pode ser um antilivro.

É imprescindível que a criança entre em contato com instrumental de boa qualidade, com o bom livro de leitura, que deve estar presente em sua sala.

Para a formação de professores, bibliotecários, livreiros e editores, é indispensável a realização de estudos científicos sistemáticos por especialistas em ciência literária, em colaboração interdisciplinar com especialistas em sociologia, psicologia do desenvolvimento, folclore e outras atividades afins. Para tanto, é desejável que se proponha estimular a investigação no campo da literatura infantil, mediante a criação de cursos de nível universitário e o estabelecimento de institutos e centros de documentação que tenham a possibilidade de patrocinar investigações sistemáticas, abrangendo não somente a problemática da literatura infantil e sua avaliação, mas também a psicologia do jovem leitor e seus hábitos de leitura, despertando e fomentando o indispensável prazer da leitura.

O trabalho internacional com o livro infantil

As experiências dos últimos anos vêm mostrando claramente que a investigação no campo da literatura infantil e de sua integração na pedagogia é difícil de ser alcançada sem o intercâmbio de idéias e resultados de estudos e especialistas.

A par de pesquisas e estudos a serem desenvolvidos em nível nacional, os encontros internacionais devem continuar, a fim de garantir abertos os canais de comunicação, de modo a que os países possam ajudar-se uns aos outros pelo intercâmbio e partilhamento de experiências.

Além dos congressos internacionais, recomenda-se que sejam promovidos congressos em nível nacio-

nal e regional para o estudo dos problemas locais.

Esta mesma política deve ser adotada no campo da produção de livros infantis e juvenis. Devem ser encorajadas as traduções de livros de superior qualidade, assim como a formação de tradutores especializados, que conheçam tanto a língua quanto as possibilidades de leitura da criança. Os acordos internacionais sobre direitos do autor devem ser cuidadosamente observados, para proteger escritores e ilustradores.

Cabe advertir, neste particular, quanto às cópias mimeografadas dos textos de literatura infantil e juvenil, interditas pela Convenção de Genebra, mas de uso freqüente nas escolas, mesmo com a biblioteca funcionando.

Editores de diferentes países podem se associar na produção e na criação de livros, de modo a reduzir os custos e, ao mesmo tempo, procurar assegurar que seu conteúdo atenda às necessidades individuais das crianças de cada país, com a aplicação de lei que recomende às editoras a edição proporcional de autores nacionais e estrangeiros.

É necessário ainda que haja listas de livros recomendáveis à tradução e que estas, preparadas por especialistas que tenham visão internacional, sejam amplamente divulgadas e postas à disposição dos interessados.

Como conclusão, é preciso afirmar que todos aqui, nestes dias, trabalhamos animados pelo lema da UNESCO, LIVROS PARA TODOS, e a ele acrescentamos: O MELHOR PARA A CRIANÇA.

Completam-se agora 29 anos da realização do 14º Congresso do IBBY no Rio de Janeiro. Nesse período, a entidade tornou-se realmente internacional, congregando 64 países e realizando seus encontros nos diferentes continentes, sempre atenta às diversas perspectivas culturais de seus membros. O Comitê Executivo e o júri do prêmio Hans Christian Andersen também buscam na diversidade de visões de seus integrantes o enriquecimento da literatura para crianças e jovens.

A América Latina organizou mais um Congresso – o do ano 2000 – na bela cidade de Cartagena de Índias, na Colômbia, demonstrando então o quanto cresceu o interesse pelo tema no Novo Mundo. No entanto, se observarmos com cuidado os pontos assinalados no Relatório Final do Congresso do Rio de

A CASA
DA MADRINHA

com uma
Lygia
Bojunga
Lygia
Bojunga
Lygia
Bojunga



FNLIJ
Notícias

Na cerimônia de Abertura do 6º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, a escritora Laura Sandroni, uma das fundadoras e membro do Conselho Diretor da FNLIJ, fez uma bela e emocionante saudação à escritora Lygia Bojunga, a grande homenageada do evento. Para encerrar o ano de 2004 com uma chave feita não só de ouro, mas de muito respeito, carinho e amizade, o Notícias 12, da FNLIJ, oferece a nossos leitores o texto do discurso de Laura Sandroni, e também as fotos destas duas escritoras, às quais agradecemos, mais uma vez, por terem projetado, no cenário nacional e internacional, a literatura para crianças e jovens de nosso país.

Homenagem a Lygia Bojunga

Laura Sandroni

Ouvi falar de Lygia Bojunga – antes mesmo de conhecê-la por intermédio, de amigos comuns. Sua inteligência e seu talento artístico; além da simpatia, eram sempre ressaltados, fosse quanto aos seus dotes de atriz do grupo Artistas Unidos, da famosa Madame Morineau, ou aqueles de tradutora e adaptadora de peças de teatro para a TV.

Foi, pois, com alegria e não com surpresa que, em 1972, soube que recebera o Prêmio do Instituto Nacional do Livro de Literatura Infantil, com *Os colegas*, de cujo júri participava a saudosa Flávia da Silveira Lobo, grande escritora e profes-

Suplemento

Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº 28

ra, que defendia o uso da linguagem coloquial nos textos para crianças e jovens. Pouco depois, na Semana Santa de 1973, tive a oportunidade de conhecê-la pessoalmente em sua casa de Pedro do Rio.

Seu segundo livro, *Angélica*, foi concorrente ao mesmo prêmio, e dessa vez eu integrava a Comissão Julgadora, e assim pude estreitar nossa convivência, conversando sobre aquele texto que recebera a Menção Honrosa no concurso daquele ano e, em seguida, trabalhando com Paula Saldanha na diagramação, e com Vilma Pasqualini ilustrando, no velho escritório da Editora AGIR, na rua dos Inválidos, com a presença estimulante do Sr. Fromm, dando início à Coleção 4 ventos.

A parceria continuou por mais dois títulos: *A bola amarela*, com desenhos de Marie Louise Nery e *A casa da madrinha*, estréia na coleção de Regina Yolanda, que desde então ilustra a maioria dos textos de Lygia, de quem era amiga há muitos anos.

Esse tempo de trabalho com os livros de Lygia proporcionou-me, além de uma nova e fascinante experiência profissional, um mergulho profundo na sua maneira tão original de olhar as coisas – o seu pensar – e do seu modo característico de narrá-los – o seu contar.

Nessa época, eu começava o curso de mestrado em Literatura Brasileira na UFRJ e decidi: minha dissertação seria sobre a obra de Lygia. O problema foi convencer Sônia Brayner, uma professora maravilhosa, grande conhecedora de Machado de Assis, da importância dessa nova autora, já que de Literatura Infantil e Juvenil ela só conhecia Lobato. Minha proposta foi a seguinte: 'Eu te empresto os livros de Lygia. Se você achar que eles não são literatura, são apenas livrinhos infantis, eu desisto da idéia...' Não deu outra. Ela achou os textos ótimos, narrativas fascinantes.

Assim nasceu *De Lobato a Bojunga – as reinações renovadas*, de que hoje a AGIR lança uma nova edição.

Além dos livros já citados examinei, nesse trabalho, os que Lygia publicou na seqüência: *Corda bamba*, de 1979 e *O sofá estampado* editado pela Civilização Brasileira, em 1980, com ilustrações de Elvira Vigna.

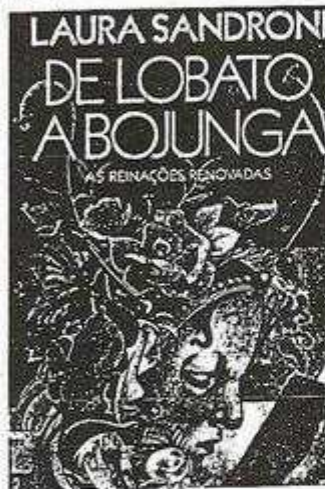
Ao preparar os originais para a edição do meu livro para a AGIR acrescentei comentários sobre *7 cartas e 2 sonhos*, da Berlendis & Vertecchia de 1983, inspirado em telas de Tomie Ohtake, que posteriormente tornou-se *Meu amigo pintor*, já na José Olympio, e que, em forma teatral, deu a

Lygia Bojunga o Prêmio Molière de Autor em 1985. Comentei ainda *Tchau*, de 1984, onde pela primeira vez Lygia experimenta o texto curto, reunindo quatro histórias.

Minha intenção, expressa na introdução do livro, era tornar evidente, através do exame da obra de Lygia Bojunga Nunes, que não existem diferenças, do ponto de vista estético, entre a obra literária destinada a adultos e aquela escrita para crianças. As pretensões didáticas e moralistas dos primeiros tem-

pos da literatura infanto-juvenil ainda sobrevivem, mas hoje se alinham junto a um número cada vez mais significativo de textos cuja função lúdica está aliada a uma visão questionadora de falsos valores e comportamentos característicos da sociedade contemporânea. É nessa vertente que se encontra a obra de Lygia Bojunga, escolhida aqui porque nela se encontram, de modo expressivo, características literárias reconhecidas por estudiosos e críticos brasileiros e estrangeiros.

Lygia foi a primeira latino-americana a receber o Prêmio Hans Christian Andersen – concedido a cada dois anos pelo IBBY – International Board on Books for Young People – em 1982. Quando a Fundação Nacional do Livro Infantil



e Juvenil indicou a candidata brasileira, só haviam sido publicados dois de seus livros em língua estrangeira: *A bolsa amarela*, na Espanha e *Angélica*, na França.

O prêmio Andersen não apenas impulsionou a carreira de Lygia – que tem hoje sua obra traduzida em mais de 30 idiomas – como despertou a curiosidade dos editores estrangeiros para a produção brasileira.

Algumas respostas de Lygia às perguntas que fiz à guisa de entrevista, para enriquecer meu livro, mostram bem seu jeito de ser. Diz, por exemplo, sobre o fato de ter passado da TV para o teatro e deste para a literatura:

“Como a minha necessidade fundamental é a de mexer com as palavras e criar personagens (e assim ir exorcizando fantasias, fantasmas, crenças e preocupações), um dia eu me dei conta que o canal adequado pra fazer conviver a minha necessidade fundamental e a minha inclinação temperamental era a Literatura, isto é: a magnífica solidão de uma mesa de trabalho (de preferência encostada numa parede vazia)”.

Sobre sua luta pela igualdade social, que a levou a criar uma escola em seu sítio:

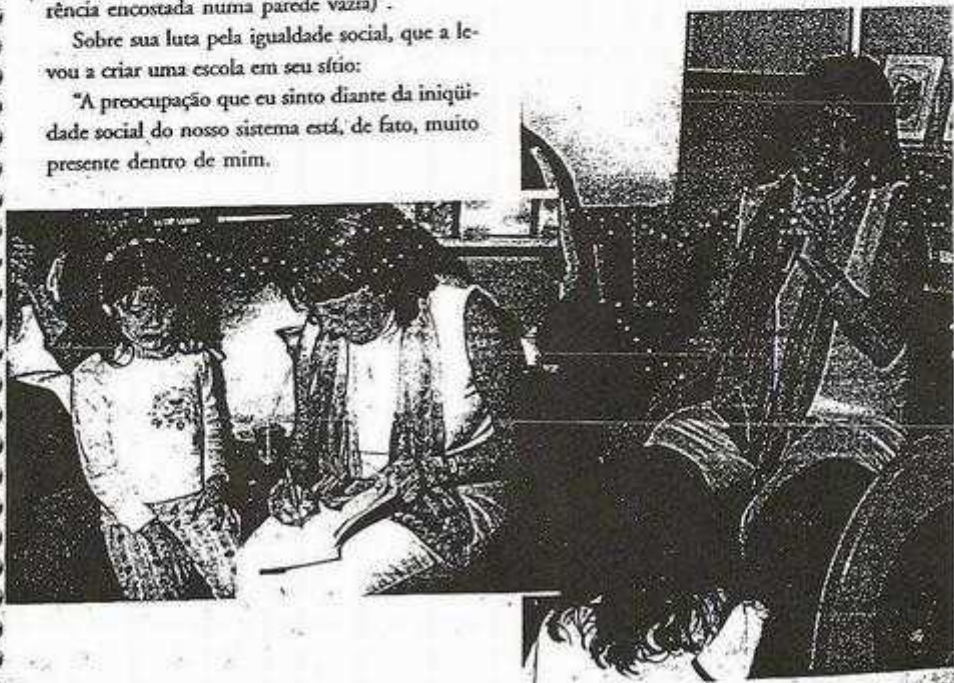
“A preocupação que eu sinto diante da iniquidade social do nosso sistema está, de fato, muito presente dentro de mim.

Então é aquela história: essa preocupação – ainda mais assim grandona – vai forçar uma safada (nem que seja pelo ladrão), e acaba escorrendo pelo meu texto, misturada dos outros elementos *exorcizáveis*.

Mas eu vou ficar bem contente se, com isso, eu for contagiando quem me lê a prestar mais atenção em gente que está com fome.”

Esse aspecto da literatura de Lygia Bojunga foi ressaltado no parecer do júri do prêmio Astrid Lindgren a que fez jus este ano. Diz ele: “Seus livros, de uma forma profundamente original, reúnem o riso, a beleza poética e o humor absurdo, realçando a liberdade, a crítica social e uma forte solidariedade pelas crianças desprotegidas.”

Enquanto membro do júri do Prêmio FNLIJ e crítica de *O Globo*, continuei acompanhando cada novo lançamento de Lygia. A cada um deles a mesma pergunta me vinha à cabeça: “Como é que Lygia consegue ser sempre original, ir tão dentro da personagem que inventa, descrevê-la numa linguagem tão sua, tão clara, tão rica?”



Querendo acompanhar suas personagens no caminho que percorrem até chegar às mãos de seus leitores, Lygia decide criar sua própria editora – a Casa de Lygia Bojunga – onde hoje já conseguiu reunir grande parte de suas obras.

Sempre surpreendente, Lygia aprontou mais uma: foi eleita por um júri sueco ganhadora única do Astrid Lindgren Memorial Award, criado em 2002 pelo governo daquele país, concorrendo com 106 escritores e ilustradores e 29 programas de leitura, categorias que compõem esse prêmio, cujo valor é de 640 mil dólares.

A notícia tirou-a da cama na manhã do dia 17 de março, transmitida por integrantes do júri, e pouco depois chegou à Fundação, que incumbiu-se de espalhá-la aos quatro ventos – fazendo jus ao título da nossa antiga coleção.

Na feira de Bolonha, em abril passado, um punhado de brasileiros, em meio a numerosos estrangeiros presentes na bela sala do Palácio Comunale, puderam assistir, cheios de orgulho, a convite do embaixador sueco na Itália, a uma simples e bela cerimônia em louvor à vencedora que, infelizmente, não pôde comparecer.

Desde então, Lygia já esteve em Estocolmo, no dia 23 de maio passado, para receber o diploma e o cheque das mãos da Princesa Victoria, na presença do primeiro ministro sueco, e visitou a Rainha Silvia no Palácio real, em companhia do nosso Ministro da Cultura Gilberto Gil e do Ministro da Cultura da Suécia.

Quase na última página de *A bolsa amarela*, um dos meus preferidos dentre os livros de Lygia, encontra-se o seguinte trecho, com Raquel, a protagonista, dizendo:

“Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser garoto e minha vontade de ser gente. (...) O Afonso ficou no maior espanto:

- Você não vai mais esconder as vontades dentro da bolsa amarela?
- Não (...).
- E a tua vontade de escrever?
- Ah, essa eu não vou soltar.”

Essa vontade de Lygia é também a de todos nós, seus leitores – crianças e adultos. E em nome deles eu aproveito a ocasião para te pedir: não solte mesmo a vontade de ser escritora. Nós precisamos de seus livros.

Rio de Janeiro, 16/09/2004.

Reflexões sobre leitura e LIJ. Fascículo nº 28

Parte integrante do *Notícias 12 - vol. 26/2004*

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra; Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers

